



ANAIS

**X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo
Contemporâneo**

IX Colóquio Nacional Cultura e Poder

**VIII Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades**

V Simpósio Regional da ABHR/Sul

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2023

**GT7 – Ateísmos, espiritualidades laicas e práticas irreligiosas
em contextos secularizados**

As espiritualidades ateístas de André Comte-Sponville e Sam Harris

Rafael Quintanilha (PPGAS/USP) ¹

Resumo: À religião tem sido atribuída, seja pelo senso comum ou por uma determinada tradição acadêmica, a tarefa de fornecer subsídios existenciais para que as pessoas lidem com as mazelas do mundo. Apenas ela seria capaz de organizar as experiências cotidianas individuais numa grande narrativa capaz de justificar a existência do sofrimento individual e da injustiça social. Entretanto, a partir de uma teoria historiográfica da religião, proposta por Talal Asad (2010), sabe-se que este lugar designado à religião é fruto de um processo de secularização gestado no seio das sociedades ocidentais; e, portanto, quando aplicada, esta compreensão causa ruídos analíticos e sociais, principalmente no tocante às categorias relacionadas historicamente à tradição religiosa, dentre elas, a espiritualidade. Em diálogo com a minha pesquisa de doutoramento sobre “morte e ateísmo”, o presente trabalho tem como objetivo investigar comparativamente as propostas de uma espiritualidade ateísta feitas pelo filósofo André Comte-Sponville (2007) e pelo neurocientista e filósofo Sam Harris (2015). Partindo dos conceitos êmicos dos autores, espera-se compreender a capacidade dos ateísmos de fornecer subsídios existenciais sem que estes sejam compreendidos aos moldes de uma forma religiosa, tal qual faz Flávio Gordon (2010), ao descrever o neoateísmo como uma “religião política”.

Palavras-Chaves: Antropologia da religião. Ateísmo. Espiritualidade. Sofrimento.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida da minha reflexão sobre o ateísmo foi o questionamento a respeito de como o ateísmo faz oposição à religião. Então, no meu mestrado (QUINTANILHA, 2018) pude perceber que há uma recorrência na maneira das pessoas, que se apresentam como ateus, de qualificarem a presença da religião e seus discursos no espaço público. Para isso, utilizei a reflexão de Daniel Cefai, da sociologia pragmática francesa, sobre como as pessoas conseguem coletivizar problemas, tornando-os públicos, a partir de uma sensibilidade individual. Já no mestrado eu concluí a existência de uma *sensibilidade ateísta*, agora tento transpor este conceito para compreender outros compartilhamentos de modos de sentir e falar sobre a religião, de percebê-la.

Na presente fala, que dialoga com a minha pesquisa de doutorado, gostaria de avançar

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). Doutorando do PPGAS/USP, financiado pela FAPESP (processo 2020/02319-8); pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), vinculado ao projeto temático “Pluralismo Religioso e Diversidade no Brasil” (FAPESP, processo 21/14038-6); e, também, do grupo de pesquisa “Ateísmos, descrenças religiosas e secularismos: história, tendências e comportamentos” (Capes – UFMS). E-mail de contato: qrafael@gmail.com

a minha pergunta inicial. Se os ateus compartilham um modo de perceber a religião, também compartilham outras percepções a respeito das coisas da vida?

Dessa maneira, para começarmos, gostaria de propor que pensássemos o repertório ateísta, idealmente, separado em dois caminhos: o coletivo e o individual. Digo idealmente, pois não é possível separar com tamanha exatidão, os caminhos se cruzam e se (re)produzem um ao outro. Assim, no caminho coletivo, o repertório ateísta produziria uma espécie de secularismo. Já a nível individual, este repertório possibilitaria uma ruptura com a religião.

O ateísmo como um tipo de secularismo faria com que os ateus se posicionassem em arenas públicas frente ao Estado, por exemplo, identificando o não cumprimento de uma laicidade proposta constitucionalmente. Os ateus têm uma leitura própria, diferente de outros movimentos secularistas, sobre o nível de interação que as forças públicas podem ter com instituições e agentes religiosos. Normalmente, um nível bem próximo a zero.

O ateísmo como ruptura, seria um repertório que possibilitaria a pessoa organizar suas experiências em um antes e um depois da religião. Uma possibilidade legítima de se viver, quando antes só lhe era oferecido o pertencimento religioso. Antes, ela tinha uma vida religiosa, dentro de um seio familiar religioso, um cotidiano em que as falas e valores religiosos se faziam presentes constantemente no seu modo de viver. E que depois de conhecer, aderir ao ateísmo, ela encontra uma outra possibilidade, uma outra visão sobre as coisas, passa a se designar ateu e, portanto, adquire uma série de práticas, modos de perceber, falar e sentir. Aqui, para meu objetivo de fala, quero me aprofundar nesse “novo descoberto”, neste segundo caminho.

Novamente, simplifico aqui as possibilidades para fins argumentativos, e divido a ruptura em, também, dois tipos: ruptura da religião e a ruptura contra a religião. O que quero dizer é que haveria dois modos de se romper com a religião, o primeiro “ruptura da”, seria romper a partir da religião, o ateu romperia apenas com a afirmação sobre a existência de algo sobrenatural, com a ideia de deus, espíritos, outros mundos etéreos etc., mas continuaria consigo diversas coisas produzidas originalmente, ou relacionalmente, pela a religião, sua cosmologia, instituições e pessoas. Como exemplo, trago aqui duas figuras conhecidas desse tipo. A primeira, a do “Judeu ateu” que seria aquele que nasce no seio do judaísmo, mas ao negar a existência do deus abraamico, não deixa de se considerar judeu, e de participar da comunidade, da tradição, das festividades etc. A segunda, é a do “Cristão ateu”, esta um pouco menos popular, mas que já apareceu na fala de Richard Dawkins, por exemplo. Que da mesma maneira com que a do “Judeu ateu”, afirma carregar consigo uma herança de uma sociedade desenvolvida a partir de uma ligação próxima com as intuições e ideias cristãs. Valores como

igualdade, justiça etc. teriam sido gestados por essa relação, e ao negar a existência de deus, este ateu não negaria a religião, mas reconhecera o seu papel na história.

O outro tipo é a “ruptura contra a religião”. A conclusão epistêmica da não existência do sobrenatural, da negação da crença, maneira pela qual a religião é referenciada e entendida nas sociedades ocidentais (TALAL, 2010), manifestaria-se conjuntamente com uma oposição a tudo que é entendido como religioso. Entretanto, como venho verificando, essa criação de limites e fronteiras sobre o que seria ser um ateu (desse tipo, acrescento), um ateu contra a herança religiosa, exige a aproximação de outros repertórios que ajudem a organizar um modo de se apresentar e ver um mundo comum.

Alguns exemplos. Quando confrontados pelas narrativas religiosas de um começo ou um fim, narrados nos textos religiosos, como no gênesis e no apocalipse bíblicos, alguns ateu optam por se aproximar dos repertórios científicos para também criar uma maneira narrativas de situar a sua existência dentro de um encadeamento de coisas que deram um início a tudo, a Teoria do Big-bang - “somos poeira de estrelas”, reproduzem alguns -, e darão um fim, os modelos termodinâmicos da biologia e da química. No âmbito das discussões sobre valores, filósofos clássicos, modernos e contemporâneos, assim como sistemas sócio-políticos, são acionados para produzirem “valores ateístas”

Entretanto, quando olhamos para a exigência narrativa que dê sentido à existência, que conecte as pessoas umas às outras, e também às outras coisas do mundo - as tragédias individuais, os problemas das sociedades modernas etc. Que posicione a pessoa, que a ajude a organizar suas experiências cotidianas, surge entre alguns autores ateístas a reivindicação da necessidade de se criar, ou defender a possibilidade de, uma espiritualidade ateísta. E a minha hipótese aqui, que apresentarei na minha leitura dos autores propostos, é a de que eles vão se aproximar da religião, como uma maneira de buscar nela, um modo de conexão com a vida.

Os autores a quem me refiro são André Comte-Sponville e o Sam Harris, autores, respectivamente, dos livros “O espírito do ateísmo - introdução uma espiritualidade sem Deus” e “Despertar, um guia para espiritualidade sem religião”. Antes de adentrarmos nos textos, é interessante ressaltar que os autores pertencem a contextos históricos e nacionais diferentes. A França e os Estados Unidos da América produziram modos diferentes de lidar com a religião publicamente, e isto, com certeza, influencia em como os autores se aproximam e lidam com as coisas religiosas. Entretanto, esta análise mais cuidadosa, ficará para um próximo trabalho. Aqui apresentarei os dois livros por meio de três itens: (1) o porquê de uma espiritualidade, (2) a definição de espiritualidade, e (3) a proposta do autor, esta, também, referenciada nos

respectivos subtítulos.

O Ateu fiel, de André Comte-Sponville

O filósofo francês, André Comte-Sponville, justifica a necessidade da busca por uma espiritualidade ateu a partir de uma dupla contestação: há um obscurantismo religioso e um niilismo ateu, presentes nessa esfera de debate. Para fugir dessas duas intituladas armadilhas, o ateu deve procurar sua espiritualidade. Ela é uma ferramenta que ajudaria a pessoa a lidar com aspectos negativos da experiência provocados pela sociedade moderna: insatisfação, incoerência, angústia, sofrimento, medo e egoísmo. Isto é, frente a esses problemas e sem uma maneira de lidar com eles, a pessoa cairia em uma sensação de desencanto com o mundo, de desconexão com as coisas. Perderia a noção de propósito.

Para Comte-Sponville, a espiritualidade não é sinônimo de religião. A espiritualidade religiosa é um tipo possível de espiritualidade. O espírito, segundo o filósofo, é o que nos distingue dos animais, é a nossa capacidade de habitar o universo, o absolutos, a natureza. Esta última, inclusive, é que dotou a humanidade de um espírito, uma habilidade de pensar sobre a relação do eu e o mundo. Assim, espiritualidade pertence ao nível do mental, do psíquico, e, portanto, engloba toda a vida humana. Ela que permitiria haver uma memória, uma ética, uma sabedoria que permitiriam a pessoa ter domínio sobre a *experiência*, e não somente ao pensamento. Dominar a experiência, para o autor, é ter contato com o belo, com o sublime.

Deste modo, a proposta do autor é que o ateu desenvolva uma espiritualidade intitulada por Comte-Sponville como *Ateu fiel*. Uma pessoa que não crê nos discursos religiosos sobre as coisas sobrenaturais, mas que se reconhece em uma certa história, tradição, comunidade, e, portanto, no caso dele, nos valores grego-judaico-cristãos. O *Ateu fiel* seria aquele que, por consequência, põe o “Humanismo em ato”, que exerce, no sentido de ação mesmo, uma fidelidade à humanidade e ao dever de ser humano. Esta espiritualidade, segundo a proposta do autor, se distinguiria da religiosa pois ela não seria baseada na fé, na esperança e no temor, mas sim, respectivamente, na fidelidade, na ação e no amor.

Comte-Sponville defende que para atingir essa percepção das coisas como ação - exercício de estar em seus atos, memória e outras pessoas - é necessário recorrer a uma prática meditativa, mais precisamente a desenvolvida pelo budismo Soto Zen japonês. Prática que permitirá a pessoa exercer um silêncio diante do real, da sensação, da atenção, da contemplação.

“Silêncio” no sentido de libertar-se do pensamento que lhe aprisiona dentro de si - e, portanto, impede de atualizar no mundo -, e permite “libertar-se da repetição, do cotidiano, do já conhecido, do já pensado, da familiaridade”, isto é, libertar-se para viver o presente, o cotidiano. Um exercício de contemplação da vida e das coisas.

O desapego do self, de Sam Harris

O neurocientista americano, Sam Harris, identifica de um modo semelhante ao filósofo francês que a modernidade produz diversos efeitos nas pessoas que as adoecem tornando-as preguiçosas, distraídas, fúteis, insatisfeitas, percebendo sempre a felicidade como sendo algo passageiro. Buscam a todo o momento fugir da vida, com o consumo exacerbado, foco no trabalho, na beleza etc. Harris culpabiliza a “ilusão do self” como responsável por essas sensações. E que somente uma espiritualidade permitiria quebrar essa ilusão que aprisiona as pessoas nestas práticas cotidianas.

O autor entende espiritualidade como sendo algo entre o místico e o contemplativo. Uma experiência visionária sobre as coisas. Espiritualidade é, também para Harris, um estado mental - de amor transcendente, êxtase, felicidade suprema, luz interior. Ela “significa o aprofundamento da compreensão e a indicação reiterada da ilusão representada pelo self”, há, assim, algo além dos anseios que nos movem, que nos aprisionam, segundo o neurocientista. E dessa maneira, ao desenvolver esta perspectiva, a pessoa atingiria o sentimento de satisfação, sem razão nenhuma.

Assim, o ateu estadunidense propõe que o ateu busque uma autotranscendência - palavra usada como sinônimo de vida espiritual. Uma investigação da natureza da própria consciência - entender, por exemplo, que as ansiedades são ilusões projetadas por uma mente que está no futuro e não no presente. E que ao perceber, se desvencilhar de si mesmo, a pessoa conseguiria vivenciar uma conexão com um princípio que dá valor tanto para o universo quanto para a humanidade.

Ele, então, assim como Comte-Sponville, defende a aproximação às práticas meditativas orientais - Vipassana, Mindfulness - como um meio de atingir essa autotranscendência. Pois o exercício meditativo permite uma atenção clara - ao presente - e, como comprovado cientificamente, algo sempre reiterado pelo autor, reduz a dor, a ansiedade e a depressão.

CONCLUSÃO

Há diversas aproximações e distinções possíveis de serem traçadas na comparação das presentes obras, mas que ficarão para uma análise que pretendo fazer mais desenvolvida. E, aqui, pontuo apenas o seguinte.

Ambos os autores fazem um diagnóstico parecido: a sociedade moderna gera um sentimento de anomia, principalmente no ateu, que não encontra na ciência, na cultura secular, e muito menos no ateísmo, um modo de estar no mundo. Assim, reconhecendo a insuficiência desses repertórios, voltam-se à religião, para buscar práticas e aspectos que possam auxiliar o indivíduo ateu a se conectar ao presente, ao cotidiano.



REFERÊNCIAS

- ASAD, Talal. **A construção da religião como uma categoria antropológica**. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), v. 19, n. 19, p. 263, 30 mar. 2010.
- COMTE-SPONVILLE, André. **O espírito do ateísmo: Introdução a uma espiritualidade sem Deus**. Trad. Eduardo Brandão. Livraria Martins Fontes, São Paulo, 2007.
- GORDON, Flávio. **A Cidade dos Brights: Religião, Política e Ciência no Movimento Neo-Ateísta**. 2010. 411 f. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- HARRIS, Sam. **Despertar: Um guia para a espiritualidade sem religião**. Trad. Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.
- QUINTANILHA, Rafael. **Quando a religião não é (não pode ser) mais unânime: uma etnografia das práticas discursivas dos ateístas no Brasil**. Dissertação em Ciência Social (Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2018.

* * * * *